

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Um futuro hipotecado [A foreclosed future]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-14 17:06:06
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/159822">http://hdl.handle.net/20.500.12424/159822</a>

## Um futuro hipotecado

Abdicar da “festa frívola” e da ideologia do progresso que embalam a sociedade moderna egoísta é imprescindível para que tanto a humanidade quanto o planeta onde vive continuem a existir, pondera Nathalie Frogneaux

POR MÁRCIA JUNGES

“**C**ontinuamos ainda hoje muito míopes nas nossas escolhas e prisioneiros da ideologia do progresso de uma humanidade que se considera soberana”. A constatação é da filósofa francesa Nathalie Frogneaux, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line** sobre o legado de Hans Jonas. Na verdade, continua, “se Jonas teve a intuição do perigo tecnológico que ameaçava a humanidade futura, ele constata também que esta intuição é rara e dificilmente partilhável”. A partir dessas constatações, a filósofa questiona como se pode “agir de maneira descentralizada e não egocêntrica ou etnocêntrica? Como não optar em função de nossa única época? Como operar esta inversão do olhar e, assim, de levar em consideração os que não nos são contemporâneos, pelos que, no entanto, somos responsáveis? Como renunciar ao que Jonas chama de ‘festa frívola’ de nossa época para optar por um comportamento mais responsável (e, sem dúvida, menos dispendioso), mas também menos arrogante, mais descentralizado?” Frente a tantas dúvidas, uma coisa é certa: “Não podemos hipotecar o futuro dos humanos que está por vir”.

Nathalie Frogneaux leciona na Universidade Católica de Louvain (Louvain-la-Neuve), na Bélgica, no Instituto Superior de Filosofia. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são os principais desafios à ética formulada por Hans Jonas?**

**Nathalie Frogneaux** - Vou responder mais amplamente a partir d’*O princípio responsabilidade*, e, sem querer ser exaustiva, gostaria de salientar quatro desafios principais. A conscientização da crise tecnológica e seus riscos ecológicos, a dimensão ética de nossas ações coletivas, uma remodelação do político e, sobretudo, o sentimento de uma responsabilidade amplificada inédita.

O primeiro desafio é a tomada de consciência diante de uma ameaça global que se esconde atrás da ideologia de uma vida mais confortável. Se recolocarmos a ética da responsabilidade no contexto dos anos 1970, seu desafio era uma conscientização da situação de urgência na qual a humanidade se encontrava em razão das escolhas científico-tecnológicas da sociedade ocidental. Jonas vislumbra antecipadamente que estas escolhas

serão logo seguidas pelo conjunto da população mundial. O caráter precoce e radical de sua conscientização desta crise, ligada a um sistema tecnológico cumulativo, caracteriza certamente o princípio responsabilidade. O primeiro desafio seria então de fazer compartilhar uma intuição impopular e que ia a contracorrente na sensibilidade e no otimismo do momento: a saber, a inversão possível da utopia científico-técnica, ocidental moderna em catástrofe para a humanidade inteira. Jonas pensa esta perversão de um ideal, enquanto que a época é ainda voltada aos desafios “melhoristas” e ligados ao progresso de nossas condições de vida, como a conquista do espaço ou a oposição entre capitalismo e comunismo. Neste sentido, Jonas desenvolve um pensamento global: este desafio diz respeito a todos nós, pois somos todos potencialmente vítimas destas ameaças ecológicas. Se insisto na intuição de Jonas, é porque ele não distingue nem um pouco os tipos de riscos tec-

nológicos (intrusão das técnicas no seio da matéria e mesmo dos organismos vivos) riscos ecológicos consecutivos (esgotamento dos recursos pelo superconsumo, poluição, mudanças climáticas, etc.). Todas estas distinções, que se tornaram evidentes hoje, somente serão possíveis mais tarde. Da mesma forma, ainda marcado pela oposição entre o comunismo e capitalismo, deixa ocultada a convivência entre tecnologia e economia para salientar o salto da ciência na era tecnológica.

### **Novo imperativo categórico**

O segundo desafio do princípio responsabilidade é certamente mais o de ligar esta constatação da crise tecnológica e ecológica a um desafio ético, do que aos enredos políticos ou à gestão das ações coletivas. Efetivamente, a responsabilidade de nossas ações coletivas deve ser carregada por cada indivíduo: somente uma ética em nível universal será capaz de evitar um

risco global. Enquanto que as questões éticas ligadas ao multiculturalismo emergiam, enquanto que o liberalismo parecia ser uma solução eficaz para conciliar as diversas concepções da vida boa, Jonas salientava a necessidade de garantir as condições de possibilidade deste debate. Neste sentido, pode-se ver a ética da responsabilidade como uma metamoral, pois ela diz respeito à condição de possibilidade de todas as éticas (mesmo a de Kant<sup>1</sup>). Esta condição é a de uma humanidade livre e responsável. O segundo desafio é, então, a radicalidade desta ética que traz um novo imperativo categórico: que uma humanidade seja feita.

O terceiro desafio seria a articulação entre a ética e o político ou a remoralização do político que corresponde ao destaque do rebaixamento ético de toda política. Um valor deve ser compartilhado por todos, independentemente das escolhas históricas e das opções particulares: o da existência humana como tal e que não deve ser melhorado. A humanidade não é um fato, mais um valor do qual continuamos responsáveis em razão do nosso poder sobre ela. Porém, esta humanidade é a condição de possibilidade de todas as opções políticas.

### Responsabilidade ontológica

O quarto desafio, que é em realidade o centro da ética e da responsabilidade 1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

## “O segundo desafio é a radicalidade desta ética que traz um novo imperativo categórico: que uma humanidade seja feita”

bilidade, consiste em redefinir o conceito e dar-lhe um valor ontológico. Ser responsável não se limita mais à sua dimensão civil (reparar os danos causados ao outro) ou penal (sofrer uma pena pelas regras infringidas). Jonas define a responsabilidade como o dever de conformar os atos a uma humanidade futura digna deste nome. Trata-se então de inverter o sentido temporal da responsabilidade do passado para o futuro e mesmo um futuro desconhecido por definição, uma vez que ele é marcado por inovações radicais. É preciso assim levar em conta todas as consequências e os desafios de sua ação: previstos, previsíveis, voluntários, involuntários ou secundários, mas também imprevisíveis e diversos. A dificuldade assim levantada é então de experimentar-se como responsável dos efeitos imprevisíveis de nossas ações coletivas sobre gerações que não nos são contemporâneas. Assim, Jonas entende situar a responsabilidade ao nível ontológico.

Em efeito, uma humanidade digna deste nome é necessariamente uma humanidade livre de suas escolhas e de seus atos e, então, responsável. Não uma humanidade que resultaria de nossas escolhas contemporâneas e seria delas finalmente o objeto, mas uma humanidade que seja o autêntico sujeito de sua existência como nós fomos. Mas estas constatações e as consequências que delas resultam estão longe de ser evidentes. Na verdade, se Jonas teve a intuição do perigo tecnológico que ameaçava a humanidade futura, ele constata também que esta intuição é rara e dificilmente partilhável. Então, ele se dá a tarefa de mobilizar de uma parte este sentimento de crise e, de outra parte, um sentimento de responsabilidade e de fazê-lo ser

partilhado pelo maior número de pessoas, principalmente pela intermediação dos especialistas científicos e dos políticos.

### IHU On-Line - Quais são os aspectos mais atuais do princípio responsabilidade desse filósofo?

Nathalie Frogneaux - Eu levantaria dois. Primeiramente, um aspecto atual consiste sem dúvida na articulação entre os primeiros desafios descritos na minha resposta precedente. Estamos sempre diante de um problema irresoluto de mobilizar o *sentimento* de uma responsabilidade amplificada. Como agir de maneira descentralizada e não egocêntrica ou etnocêntrica? Como não optar em função de nossa única época? Como operar esta inversão do olhar e, assim, de levar em consideração os que não nos são contemporâneos, pelos que, no entanto, somos responsáveis? Como renunciar ao que Jonas chama de “festa frívola” de nossa época para optar por um comportamento mais responsável (e, sem dúvida, menos dispendioso), mas também menos arrogante, mais descentralizado? Nós constatamos que mais de trinta anos após a redação d’*O princípio responsabilidade* uma dificuldade continua imutável: como passar da constatação da urgência e da necessidade de modificar radicalmente nosso comportamento, ao sentimento de responsabilidade que mobilizará esta mutação para que ela seja carregada por cada um. Jonas tinha, por assim dizer, antecipado a dificuldade de fazer carregar, por cada um no centro de uma cultura democrática, uma mudança radical de comportamento e de perspectiva, mas, também, a impossibilidade de fazer passar esta mudança por uma política autoritária. Hoje, é ainda a articulação entre pressão política e econômica - mas também a resistência político-econômica - e convicção individual que coloca o problema. Além disso, estamos diante da questão de encontrar os meios que mobilizam o sentimento de ameaça iminente.

### Humanidade míope

Jonas preconizava, em efeito, de tirar as lições de catástrofes locais para evitar uma catástrofe global. Mas as catástrofes em escala reduzida (Cher-

nobl, Kathrina e mesmo Fukushima) não parecem suficientes para induzir uma mudança radical de rumo nas nossas escolhas e nossos comportamentos. Continuamos, ainda hoje, muito míopes nas nossas escolhas e prisioneiros da ideologia do progresso de uma humanidade que se considera soberana. Todavia, para Jonas, a humanidade é o que deve ser e todas as épocas e as culturas devem assumir suas fraquezas e suas ambiguidades, em todos os contextos.

Uma outra dimensão atual d'O princípio *responsabilidade* é certamente nossa capacidade de levar em conta nossa postura de guardião. Verdade seja dita, somos seres dotados de uma responsabilidade, quer dizer que não podemos fazer tudo do que somos (tecnológica e economicamente) capazes. Não podemos tratar a humanidade futura como o objeto de nossas escolhas. Não podemos hipotecar o futuro dos humanos que está por vir. Para Jonas, a maior responsabilidade que pode pesar sobre nós é a de que nenhuma vítima possa mais nos acusar de sua inexistência. Mas como sentir-se implicado pelas gerações que ainda não nasceram e o nascimento das quais dependem de nós? Como podemos nos sentir interpelados por elas?

**IHU On-Line - O que é o dualismo gnóstico ao qual Jonas se refere?**

**Nathalie Frogneaux** - Em sua tese de doutorado sob a direção de Bultmann e Heidegger, Jonas evidenciou o princípio gnóstico que permitia pela primeira vez reunir conceitualmente estes mitos e movimentos sectários abundantes, cuja unidade não havia jamais sido estabelecida por nenhum pesquisador. Todavia, o que dá razão aos heresiólogos que falaram em todos os casos de pensamento gnóstico, seja ele iraniano ou sírio-egípcio, é um dualismo radical que corta o homem do mundo e que opera um corte no próprio homem. Dois princípios opostos se afrontam: que o mal seja de toda eternidade o antagonismo do bem ou que ele seja derivado por emanações sucessivas. Enquanto que o homem se crê da mesma natureza que o mundo, ele aprende que ele não é nada dele. Gnosis significa conhecimento,

**“Efetivamente, a  
responsabilidade de  
nossas ações coletivas  
deve ser carregada por  
cada indivíduo:  
somente uma ética em  
nível universal será  
capaz de evitar um risco  
global”**

e o conhecimento prevalece sobre a fé (*pistis*). Somente a conscientização deste erro lhe permite ser salvo. Trata-se então de um dualismo que faz do homem um estranho no mundo corporal e material, pois o primeiro é espiritual e bom enquanto que o segundo é essencialmente mau e corrompido. Entretanto, Jonas traz o diagnóstico deste dualismo como uma tentação constante de nosso espírito que retorna regularmente na história para fazer do homem um exilado que se ignora como tal. A Antiguidade tardia (séculos II e III) foi um momento forte deste dualismo, mas a ruptura moderna inaugurada por Bacon<sup>2</sup> e Descartes<sup>3</sup> resulta desta mesma tendência, assim como o coração do século XX com suas filosofias da existência ou o niilismo fundamental que desabrocha nas tecnociências. Como sua amiga Hannah Arendt, Jonas combate a ideologia do “tudo é possível”.

<sup>2</sup> Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Por que Jonas procura resolver o dualismo, pensando na dignidade do homem no mundo em que se encontra?**

**Nathalie Frogneaux** - Para resolver o dualismo radical do tipo gnóstico, ou seja, a ruptura no homem, mas também entre o homem e o mundo. Trata-se de resolver a ruptura entre o corpo e o espírito ao mesmo tempo em que reencontrar a comunhão entre a natureza e o humano. A ação é sensata se nós somos comensuráveis com o mundo, o que recusavam os gnósticos que condenavam todo comércio com o mundo optando por uma moral seja libertina ou ascética. Jonas entende assim replicar o dualismo radical mostrando que o homem está e é do mundo, que é um ser natural e vivo, mesmo se ele ocupa uma posição de exceção. A dignidade humana passa pelo fato de que a liberdade continua em uma comum medida com seu corpo e seu mundo no seio do qual se depreende sua atividade.

**IHU On-Line - Para Jonas, a pior consequência do dualismo homem/mundo é o niilismo. Nesse sentido, como podemos compreender a crítica empreendida pelo filósofo ao niilismo e ao ceticismo moral?**

**Nathalie Frogneaux** - Jonas salienta que todas as filosofias que concebem o homem como um forasteiro, um estrangeiro que ignora sua origem autêntica para corromper-se em um mundo que não é o seu e o conduz para a inautenticidade, pensam os valores e as normas como criações puramente subjetivas (e definitivamente arbitrárias). Entretanto, é a articulação entre os fins presentes na natureza e os valores carregados humanamente que nos garantem contra a escolha niilista do suicídio coletivo.

**IHU On-Line - É correto afirmar que Jonas propõe uma crítica radical à metafísica moderna? Por quê?**

**Nathalie Frogneaux** - Sim, está correto e é ao menos sobre dois pontos principais. Jonas é crítico da modernidade quando afirma que a ética está ligada ao ser, ou seja, na sua recusa de separar o ser e o dever-ser. Ele recusa, assim sendo, a separação inaugura-

da por Hume e ratificada por Kant da separação entre o ser e o valor. Para ele, os valores encontram suas justificativas no ser através dos fins. Os valores reconhecidos subjetivamente se baseiam efetivamente sobre os fins objetivamente presentes no ser, uma vez que o vivo se caracteriza pela perseverança no ser, ou seja, a atividade permanente de se manter no ser recusando o não ser que sem cessar o ameaça de morte.

Além disso, Jonas recusa-se a conceber, à moda dos modernos, o medo como somente paralisante e mau conselheiro. Com sua heurística do medo, tão atacada e seguidamente mal compreendida, ele retoma com uma ambivalência deste sentimento descrito por Aristóteles na *Poética*: pois pelo medo se apresenta como Janus Bifronte. Ele é tanto *phobos*, um medo paralisante, como *éléos*, um medo mobilizador que impulsiona à preservação contextual e à ação avisada. É evidentemente esta segunda que deve ser mobilizada diante da ameaça.

**IHU On-Line - Hans Jonas é apontado como o filósofo da liberdade. Qual é o embasamento dessa classificação e qual é a importância da liberdade dentro de sua filosofia?**

**Nathalie Frogneaux** - A liberdade constitui para ele uma ligação entre ser e dever-ser na natureza através do vivo. A obra na qual ele estabele-

## “Como sua amiga Hannah Arendt, Jonas combate a ideologia do ‘tudo é possível’”

ce esta ligação é intitulada em alemão *Organismus und Freiheit, Organismo e Liberdade*, e recebeu uma nova edição sob o título escolhido pelos editores *Das Prinzip Leben, O Princípio vida*. Foi mais judicioso, a meu ver, de intitulá-lo *Das Prinzip Freiheit, O princípio liberdade*. A liberdade é o que desperta no seio da matéria inorgânica ou morte e parece procurar-se pouco a pouco do unicelular até as formas mais complexas da vida como afirmação do vivo por ele próprio. Mas com o homem, a liberdade ultrapassa um teto qualitativo, pois ela cessa de ser um princípio de afirmação de si (*orexis* como diria Aristóteles, *conatus* em Spinoza) para se tornar uma força ambivalente. Ela pode então não somente afirmar, mas também negar a vida, perseverar em seus fins ou negá-los, uma vez que pode doravante se arrasar. Esta questão permeia toda biologia filosófica de Jonas, *The Phenomenon of Life*, mas é também o rebaixamento de sua ética da responsabilidade, uma vez que o princípio responsabilidade põe o imperativo categórico que impõe que as

forças negadoras sejam secundárias em relação à obrigação que tem o homem de afirmar-se no ser.

## **IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Nathalie Frogneaux** - Parece-me que, sejam quais forem as dimensões ultrapassadas ou aproximativas das análises da tecnologia e da crise ecológica de Jonas no final dos anos 1970, sua ética da responsabilidade, sua análise do gnosticismo, sua biologia filosófica e as análises de nosso tempo escondem instituições e uma força de análise que estamos longe de ter esgotado. É, sem dúvida, mais ao desdobramento destas intuições do que à crítica de suas análises que devem trabalhar hoje seus comentadores. Ele próprio reconhecia, aliás, no final de sua vida, os limites de seu trabalho e afirmava que lhe era necessário passar a missão. Uma coisa me parece em todo caso evidente: é que Jonas ia às questões essenciais com a preocupação de propor uma filosofia nutrida pela história e tradição, no objetivo de pensar seu tempo.

Além disso, parece-me urgente repensar a perseverança no ser que ele descreveu tão bem na sua biologia como desejo (*orexis* ou *conatus*), afim de que sua ética da responsabilidade não seja unicamente recebida sob a única perspectiva da austeridade.

**01 de setembro**

**Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira**

**A política diplomática Norte-Americana no contexto da Legalidade**

**Profa. Dra. Carla Simone Rodeghero - UFRGS**

**Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**